

A MORTE/ DESAPARECIMENTO DAS LÍNGUAS E SUAS CONSEQUÊNCIAS: Extinção das línguas indígenas dentro das comunidades

Queren Souza de Castro¹; Selmo Azevedo Apontes²

Letras, Linguística e Artes

Resumo

Desde o ‘descobrimento’, verifica-se perda de mais ou menos 1.100 línguas. Hoje, no Brasil, apenas 180 línguas são faladas. Diante disso, indaga-se: se a língua morre, como ela morre? Que conceituação de língua permite falar de morte? E essa conceituação, liga-se a que corrente de pensamento? Este resumo apresenta parte de pesquisa em andamento cujo objetivo é pesquisar o processo de morte/desaparecimento das línguas e suas consequências: extinção das línguas dentro das comunidades. Com uma metodologia bibliográfica, utilizará teorias Sociolinguística, Ecolinguística, e documentos do Ministério da Educação e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Como resultado parcial, verifica-se que o biologismo linguístico exerceu influência na conceituação de língua como as espécies: nascem, desenvolvem-se, transformam-se, perdendo certos traços e adquirindo outros e, eventualmente, por diferentes razões, podem entrar em extinção. Entre as causas de morte de línguas, estão: catástrofes naturais, genocídios, epidemias, migrações. A pressão das línguas oficiais transformam as demais em minoritárias, causando desuso, desvitalização, desvalorização. Para combater essa “morte anunciada” é necessária concepção de língua interligada com o povo que a fala, visão veiculada pela sociolinguística e pela ecolinguística, e ações investigando o grau de vitalidade linguística e ações de revitalização alicerçando projetos de revitalização cultural e identitária.

Palavras-chave: Morte de língua. Línguas Indígenas. Linguística.

1 Introdução

Observando um passado próximo, nota-se que a extinção das línguas vem aumentando cada vez mais nesses últimos anos. Quase metade das cerca de 6,000 línguas faladas hoje no mundo estaria destinada à extinção em um futuro bastante próximo (UNESCO 2001, p. 229).

Na história do Brasil até os dias atuais, nota-se o aumento da extinção das línguas indígenas. Desde o ‘descobrimento’, das “quase 1.300 línguas diferentes, houve mais de 1.100 extintas desde então, restando hoje no Brasil, apenas 180 línguas, faladas por uma população de 350.000 pessoas” (SECAD, 2006, p. 229). Com isso, verifica-se uma grande perda da vitalidade linguística dentre os povos existentes. Diante desse fato, indaga-se: se a

1 Discente PETiana Bolsista do Grupo PET – Conexões de Saberes - Comunidades Indígenas, Licenciatura em Letras Francês, da Universidade Federal do Acre – queren.souza.28@gmail.com

2 Tutor(a) do Grupo PET – Conexões de Saberes – Comunidades Indígenas, Docente dos Cursos de Letras, da Universidade Federal do Acre -Docente no PROFLETRAS - Programa de Mestrado Profissional de Letras, Grupo de Pesquisa GEDAL – selmoapontes@gmail.com

língua morre, como ela morre? Que conceituação de língua permite falar de morte dela? E essa conceituação, está ligada a alguma corrente de pensamento? Que possibilidades de conceituação para melhor entendimento de uma concepção de língua que envolva também o povo que a fala? Há algumas formas para detectar o processo de morte/desaparecimento das línguas? Quais as propostas para enfrentar a morte/desaparecimento das línguas?

2 Objetivo

Assim, esta comunicação apresenta parte de trabalho em andamento cujo objetivo é pesquisar o processo de morte/desaparecimento das línguas e suas consequências: extinção das línguas dentro das comunidades. Objetiva também pesquisar a fundamentação teórica para a conceituação de morte de língua, verificar a corrente de pensamento que fundamenta essa concepção de língua e como ela morre, investigar outras formas de conceituação de língua que deem conta da relação língua-povo, diagnosticar os processos de morte/desaparecimento das línguas, bem como diagnosticar propostas para enfrentar a morte/desaparecimento das línguas.

3 Metodologia

O trabalho utilizará metodologia bibliográfica, com embasamento em teorias da Sociolinguística, da Ecolinguística, e pesquisas em documentos oficiais do Ministério da Educação e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

4 Resultado e discussão

Os resultados iniciais mostram que a conceituação de língua está ligada a visão de mundo de uma determinada época e que pode deixar influências pertinentes até os dias atuais. Verifica-se que a corrente teórica do biologismo exerceu forte influência nas concepções de língua, chegando a ser formulado uma vertente como um biologismo linguístico. Assim, “como as espécies, as línguas nascem, desenvolvem-se, transformam-se, perdendo certos traços e adquirindo outros e, eventualmente, por diferentes razões, podem entrar em extinção” (SECAD, 2006, p. 227).

Essa concepção levou mais a fundo a posição anterior ao darwinismo, quando em 1833, Franz Bopp escreveu que “as línguas deveriam ser consideradas como um corpo natural, que são construídos segundo as leis, e portam em seu seio um princípio de vida” (HAGÈGE, 2010, p. 24).

No entanto, nesse processo de morte de língua, as causas mais drásticas e radicais de morte de línguas, segundo Hagège (2000) são: as catástrofes naturais, genocídios, epidemias e migrações. O genocídio elimina minorias étnicas em determinada região, principalmente na época que ocorreu a segunda guerra mundial. A esses genocídios em uma determinada região ou comunidade é chamado de etnocídio (extermínio das etnias) e está intimamente relacionado com o linguicídio (extermínio de línguas), ou seja, algumas vezes, com a morte de um povo, morre também uma língua. A epidemia/pandemia, geralmente feita por algum agente viral estranho, é outro fator muito forte no Brasil em comunidades indígenas e foi registrado por historiadores e cronistas no Brasil muitas mortes, às vezes de aldeias inteiras, por causa dos primeiros vírus vindos dos colonizadores no período colonial. Um exemplo bem recente é o contágio da COVID—19 (vírus infeccioso) dentro das comunidades indígenas, no qual vem avançando nas aldeias indígenas e eliminando alguns idosos, fontes de ricos saberes milenares e tradicionais. E o outro fator são as migrações que obrigam uma determinada comunidade de falantes a mudar de espaço físico ou substituir seus hábitos também linguísticos, adquirindo uma nova língua. Além desses, convêm acrescentar mais um fator: a tecnologia. Atualmente a tecnologia é um suporte que veio com objetivo de ajudar a otimização de tempo em diversos aspectos de sua vida. Mas, pelo lado negativo, a força do impacto dessas mídias na língua é muito forte. Aliadas à tecnologia é o uso do Inglês, que é uma língua considerada internacional. Tendo em vista que os instrumentos tecnológicos são elaborados em uma determinada língua, essa língua acaba se tornando uma língua de prestígio e, conseqüentemente, vai ocorrendo o menosprezo das outras línguas minoritárias. Aos poucos, vão matando a essência e o amor pela língua mãe nos mais jovens. Da mesma forma que os efeitos internacional do Inglês, ocorre com o Português, no Brasil. Por ser uma língua oficial, a pressão pelo aprendizado acaba por criar situações em que ajudam a desvalorizar, minorizar e até extinguir, passo a passo, geracionalmente, as línguas indígenas. A língua oficial portuguesa torna-se um fator de pressão dentro das comunidades, sendo assim, uma metodologia aplicada como uma “morte anunciada” das línguas indígenas, caso algo não for feito para equilibrar a balança. Aliadas a tudo isso, ainda têm as políticas linguísticas de Estado realizadas no período Colonial, Imperial, Republicano... Durante esses períodos, os indígenas foram vítimas das políticas autoritárias que não reconheceram a importância e a valorização de seus modos de vida, costumes, língua. Assim, atos legais desses governos levaram ao abandono da língua mãe, não como uma opção e, sim, uma obrigação organizada pelo Estado.

O reconhecimento da importância que um determinado idioma expressa nas vidas humanas deixa de existir quando forças da maioria se envolvem em seu meio como alternativa para incluir esses indivíduos ao meio social não indígena, pressionando para a desvalorização sistemática, afetando o grau de vitalidade linguística dentro da comunidade.

O efeito desse desequilíbrio se verifica na vitalidade linguística em uma determinada comunidade: fator importante para investigar em qual processo se encontra uma determinada língua, e quais os impactos em um curto, médio e longo prazo. A classificação da vitalidade linguística de uma determinada comunidade é determinada pelos seguintes passos básicos: “1) a determinação do índice de grau de transmissão e dinâmica dos usos sociais da língua, critérios respectivamente primário e secundário; 2) a percepção da relevância dos critérios adicionais; 3) a indução do grau de vitalidade da língua com base numa interpretação dos critérios acima, bem como de demais fatores diagnosticados que possam ajudar a traçar um quadro prospectivo do futuro da língua” (IPHAN, 2006, p. 31-32).

5 Considerações Finais

Nesse primeiro momento da pesquisa, considerou-se os aspectos do modo como ocorre a morte das línguas. Agora, diante desse quadro, convém apresentar possíveis saídas para o combate à morte das línguas: as contribuições da sociolinguística e da ecolinguística para uma concepção de língua que não seja separado do povo, bem como apoiar ações, tais como da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) que tem o objetivo de amparar as línguas ameaçadas de extinção, a fim de mostrar a importância da preservação cultural nas comunidades. Vinculadas à essa ideia da UNESCO, no Brasil, o IPHAN busca propor Políticas Afirmativas que têm objetivo facilitar o entendimento da importância da preservação e revitalização cultural das entidades. Assim, esse órgão promoveu O Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), criado em 09 de dezembro de 2010, para um grande mapeamento para salvaguarda de indígenas e imigrantes. Conhecer e divulgar a diversidade linguística ainda existente no Brasil é um dos primeiros passos para o respeito à diversidade de saberes e identidades que formam o Brasil. Segundo Hagège (2000, p. 9), até o final do século XXI, deverão desaparecer mais de 2.500 línguas. Para combater essa “morte anunciada” das línguas: é necessário uma concepção de língua interligada com o povo que a fala, visão veiculada pela sociolinguística e pela ecolinguística, bem como propor ações para investigar o grau de vitalidade linguística de uma comunidade. Outras ações também são proposições de ações de revitalização linguística, juntamente com incentivo de movimento para co-oficialização de uma determinada língua nas regiões,

municípios, em que os povos indígenas ainda são a maioria populacional. Assim, ações de valorização cultural, reafirmação e retomada de identidades dormentes pode contribuir para retomada de práticas linguísticas e práticas de saberes ancestrais, pois a língua é uma das fontes e instrumentos de identidade, fontes essenciais da força vital que anima as comunidades humanas.

Referências

HAGÈGE, Claude. *Halte à la mort des langues*. Paris: Édition Odile Jacob, 2000.

IPHAN. *Guia de pesquisa e documentação para o INDL: patrimônio cultural e diversidade linguística*. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Brasília-DF, 2016.

SECAD. *Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade*. Museu Nacional - Brasília-DF, 2006.

UNESCO. *Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura*. Nações Unidas, 2001.

APOIO FINANCEIRO

Programa de Educação Tutorial - FNDE